

## O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Anderson Carvalho dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A reflexão sobre a amizade não é nova, há muitos ensaios e livros publicados que investigam esse conceito nos seus mais variados aspectos. Desde a Grécia antiga até os nossos dias, acadêmicos, poetas, filósofos se debruçam sobre este tema com a finalidade de apreender o conceito do que seja realmente a amizade e, assim, apresentam, a cada dia, ideias e interpretações que suscitam nos leitores novas questões. Uma nova reflexão sobre um tema já bastante investigado não esgota suas possibilidades, pelo contrário, nos faz copartícipes de uma longa tradição filosófica, além de nos possibilitar a afirmação de uma nova posição ou interpretação filosófica dos textos clássicos que versam sobre o tema. Não sendo minha pretensão esgotar tudo que se pode pensar sobre a amizade, até por saber dessa impossibilidade, proponho-me a refletir sobre o sentido da amizade na *Ética a Nicômaco*<sup>2</sup>, mais especificamente nos capítulos VIII e IX, buscando compreender as formas de amizade e seu sentido na constituição da *Pólis* e do bem viver em comunidade.

**Palavras chave** – Amizade; Bem viver, Pólis; Justiça;

## THE CONCEPT OF FRIENDSHIP IN ARISTÓTELES

### ABSTRACT

The reflection on friendship is not new, there are many published essays and books that investigate this concept in its most varied aspects. From ancient Greece to the present day, academics, poets, philosophers have focused on this theme in order to grasp the concept of what friendship really is, and so they present, every day, ideas and interpretations that elicit in new readers questions. A new reflection on an already well-researched topic does not exhaust its possibilities; on the contrary, it makes us partakers of a long philosophical tradition, besides allowing us to affirm a new position or philosophical interpretation of the classic texts that deal with the theme. Not being my intention to exhaust all you can think about friendship, even knowing this impossibility, I propose to reflect on the meaning of friendship in the Nicomachean Ethics, specifically in Chapters VIII and IX, seeking to understand the ways of friendship and its meaning in the constitution of Polis and the good life in community.

**KEY WORDS** - Friendship; Well live, Polis; Justice;

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Utilizaremos como abreviatura as iniciais *EN*.

## O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Se me obrigassem a dizer por que o amava, sinto que a minha única resposta seria: "Porque era ele, porque era eu".

Montaigne

### INTRODUÇÃO

A vida em comunidade tem por finalidade conduzir os seus membros ao bem supremo, à felicidade. Todavia, parece não mais haver a busca de valores morais e laços afetivos que liguem as pessoas a ponto de as tornarem melhores ou fazê-las viverem bem. Um individualismo assustador invadiu o universo da vida humana, as relações se tornaram superficiais e as pessoas buscam aquilo que julgam melhor para si, esquecendo-se que vivem em meio a outros, que vivem em comunidade. Há uma crescente apatia pelo outro e pelo seu modo de vida. Talvez seja por esse motivo que temas como amor, amizade, felicidade, compaixão, ética são tão recorrentes na discussão de grandes pensadores.

Há, talvez, pessoas que objetem a afirmação de que os laços afetivos estão cada vez insignificantes, visto que a tecnologia tem aproximado pessoas que estão distantes por meio de mensagens de textos em tempo real, por meio de chamadas de voz e vídeo. Dirão: é a tecnologia construindo um modo de relacionamento que aproxima, edificando redes de relacionamento, construindo e conservando amizades. Todavia uma reflexão aprofundada sobre a amizade nos leva a algumas questões: Será que realmente está havendo uma aproximação entre as pessoas? As relações que surgem podem ser denominadas de amizade? Contribuem para a vida boa e feliz em comunidade? Será que a amizade ainda é “o mais irrestrito, sólido e satisfatório de todos os vínculos pessoais?” (Ricken, 2008, p. 162).

Em tempos de comunicação rápida por meio das diversas redes sociais, muitos podem afirmar que fazer amigos tornou-se bem fácil, afinal não é preciso morar no mesmo lugar, conhecer as mesmas pessoas, conviver e trocar experiências. Basta obter certos aplicativos, fazer o convite, esperar a resposta e pronto, a amizade está concretizada. A partir deste ponto começa a comunicação virtual. O que torna tudo mais interessante é a possibilidade do indivíduo fazer várias amizades, ter mais de mil amigos, bastando desejar tê-los. Diante disso, surgem novas questões: Em quê estão baseadas essas amizades? Será que se pode ser amigo de

muitas pessoas ao mesmo tempo? É necessário ou não conviver para se ter uma amizade verdadeira?

Para respondermos a essas questões faz-se necessário voltar ao passado, pois a reflexão sobre a amizade não é nova, há muitos ensaios e livros publicados sobre o tema entre acadêmicos, filósofos e poetas, e mesmo pessoas comuns escrevem sobre a amizade para prestar homenagens a alguém que acreditam ser um amigo verdadeiro. Na Bíblia, por exemplo, encontramos o tema da amizade; Salomão, conhecido como o rei sábio, diz em seus Provérbios “o amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade” (17:17) e ainda mais, “[...] existe amigo mais chegado que um irmão” (18:24).

Na Grécia arcaica “o valor da amizade já era enaltecido tanto nos poemas épicos quanto nos poemas líricos, e, sobretudo nos poemas trágicos” (Rocha, 2006, p. 66). O movimento epicurista exaltava a amizade como liame que verdadeiramente pode ser executado entre os indivíduos.<sup>3</sup> Sendo muitas as obras e os textos sobre a amizade e não podendo discuti-los em sua totalidade, buscaremos apreender, por meio desse estudo, o sentido da amizade defendida por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, mais especificamente nos livros VIII e IX, pois é com Aristóteles que o conceito de amizade tomou uma dimensão de problema filosófico, a tal ponto que a *philia* tornou-se o centro do seu pensamento ético e político.

### **A AMIZADE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO**

A filosofia surge com a busca pela origem de todas as coisas. Os primeiros filósofos que apareceram nas colônias da Ásia Menor concentraram suas reflexões na *phýsis* e no *Kósmos*, porém, com o passar do tempo, a filosofia da *phýsis* chegou ao seu limite de modo que não podia mais responder às questões que estavam surgindo. A partir desse momento, há o deslocamento das questões do mundo físico para o humano, sendo os sofistas responsáveis por tal deslocamento, pois

operaram verdadeira revolução espiritual deslocando o eixo da reflexão filosófica da *phýsis* e do *cosmo* para o homem e aquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade e centrando seus interesses sobre a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação, ou seja, sobre aquilo que hoje chamamos a cultura do homem. (Reale e Antiseri, 2003, p. 73-4).

---

<sup>3</sup> Cf. REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia antiga*, 2003, p. 272.

Com esse deslocamento a discussão sobre a amizade aparece como problema filosófico em Platão e em Aristóteles que dedica dois livros de sua *Ética a Nicômaco* ao estudo desse tema. Enquanto em Platão *Éros* é a força que conduz à *philía*, Aristóteles “dissocia completamente os dois elementos criando uma incompatibilidade definitiva entre ambos, que permanecerá constante na história da amizade” (Ortega, 2002, p. 36-37). Aristóteles vê o amor como elemento que embaraça a harmonia da alma, do mesmo modo pensavam os estoicos epicuristas.

Para Platão, *Eros* é o elemento ativo, a atividade da alma que levava à *philía*, a qual era um afeto estático, uma condição da alma, a resposta mais débil e menos apaixonada ao amado. Com Aristóteles, a amizade sai da passividade platônica e torna-se uma atividade, a própria atividade filosófica ao passo que o amor é um impulso não filosófico. Com outras palavras, *Éros* é uma paixão e *philía* um *ethos* (Ortega, 2002, p. 37).

A *philía* aristotélica, dissociada do *Éros* platônico, toma o sentido de meio termo entre o excesso e a falta, o justo meio entre o grau exagerado de amizade, o amor descomedido em relação a único indivíduo, e a falta de afeição pelos indivíduos que fazem parte da mesma comunidade. Sendo o meio termo, a *philía* não é governada pelas paixões da alma humana, mas pela razão, ou seja, “o componente racional será colocado acima do elemento afetivo” (Ortega, 2002, p. 37) suplantando o nível individual de relacionamento e sendo estendida a toda comunidade.

Aristóteles inicia suas reflexões a respeito da amizade dizendo que ela “é do que mais necessário há para a vida. Pois ninguém há-de querer viver sem amigos, mesmo tendo todos os restantes dos bens” (*EN*, VIII, 1, 1155 a 3-5). A amizade está diretamente ligada ao convívio social e à felicidade, de tal modo que a vida sem amigos não é desejável. Como ser sociável por natureza, o homem necessita de amigos para participarem de sua alegria e apoiá-lo nos momentos de tristezas, sua natureza o impulsiona a relacionar-se com os outros. Aquele que consegue viver solitário e isolado é, na visão de Aristóteles, uma besta ou um deus. A amizade se expressa por uma vontade livre em que cada indivíduo decide, por meio de uma atitude moral e intelectual, tornar-se um outro eu para o seu amigo e assim contribuir para a sua felicidade e da comunidade. O homem “está implicado nos outros e está naturalmente constituído para viver com outrem” (*EN*, IX, 9, 1169 b 15-18).

Em toda reflexão sobre esse tema, devemos ter em mente a compreensão de que a palavra portuguesa amizade, que traduz o termo grego *philia*, *φιλία*, é muito limitada para definir o que Aristóteles quis dizer. Ela possui diversos significados não existindo apenas uma forma de amizade.

De maneira geral, a amizade (*φιλία*) é a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por afeto e atitudes concordantes voltadas para o bem. Aristóteles tem, entretanto, uma visão mais ampla e extensa, e define a amizade como virtude e hábito, não como condicionamento, mas como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem (LARA, 2009, p. 42).

Ao vínculo entre pessoas que, chamamos de hoje de amizade, deve-se acrescentar ainda muitas outras características para que se possa chegar a comparar com a *philia* aristotélica. O que compreendemos apenas como um sentimento menos forte quando comparado ao amor, Aristóteles compreendia como uma virtude por excelência que carregava em si um sentido ético profundo, de tal maneira que a amizade é apresentada como uma disposição de caráter que, em sua ação, conduz o indivíduo e a comunidade rumo à felicidade.

#### *As Três Formas de Amizade*

Antes de falar diretamente do conceito de amizade, Aristóteles discute, primeiramente, o problema daquilo que pode ser objeto do amor, aquilo que pode ser amado e desejado, pois “nem tudo é suscetível de amor, apenas o que pode despertá-lo. Assim é o bem, o prazer e o útil. Mas o útil é o que produz algo de bom ou dá prazer, de tal sorte suscetível de amor, como fim em si mesmo, apenas há o bem e o prazer” (*EN*, VIII, 2, 1155 b 19-21). Do mesmo modo que são três as formas que caracterizam o que pode ser amado, existem três formas de amizade que são baseadas também no bom, no prazer e no útil. Duas dessas formas são acidentais, a outra é a que, de fato, pode ser denominada de amizade perfeita. As duas primeiras formas de amizade, por prazer e por utilidade, mostram-se como meio e não como fim em si mesmas sendo assim “formas secundárias de amizade” (Wolf, 2013, p. 228).

Sir David Ross, filósofo escocês, justifica as espécies de amizade de Aristóteles como ilustração da natureza essencialmente social do homem e classifica-as em três planos: no plano inferior, os homens possuem necessidade de amizades úteis, porque não são auto-suficientes. No plano intermediário, estabelecem-se amizade por prazer, visando a atualizar o prazer natural decorrente do convívio com os amigos. E no plano mais elevado,

constituem-se amizade por bondade – amizade enquanto fim. (Pichler, 2004, p. 196)

A primeira forma de amizade está baseada na utilidade. Nela, as pessoas envolvidas “gostam uns dos outros pelo bem que os outros lhes trazem” (*EN*, VIII, 3, 1156 a 14-15), em outras palavras, a amizade se mantém por causa do benefício que os amigos trazem um ao outro. Não há um querer bem verdadeiro pelo outro em si mesmo, mas “ambos os parceiros tem um interesse na relação” (Ricken, 2008, p. 107), ou seja, o benefício é dado e recebido pelos dois envolvidos. Para que a amizade se mantenha, cada um tem que se interessar pelo bem do outro, mesmo que esse interesse seja apenas o meio para alcançar o seu benefício. Aristóteles diz que a amizade pela utilidade está mais presente entre os mais velhos, pois com idade as pessoas não procuram mais o prazer, mas a utilidade e das três formas de amizade é a mais imperfeita.

A amizade por prazer tem certa semelhança com a amizade baseada na utilidade visto que os amigos “gostam uns dos outros pelo próprio prazer que lhes dá” (*EN*, VIII, 3, 1156 a 15-16). É entre os jovens que mais se vê a amizade por prazer, pois, como estão no início da vida, são cheios de paixões e perseguem sempre o prazer. Nessa forma de amizade os envolvidos gostam da companhia um do outro, gastam tempo estando juntos e tornam-se agradáveis um ao outro, todavia o prazer da relação não é um fim em si mesmo, pois ao cessar o que, no outro, é agradável cessa então a amizade, ainda assim essa forma de amizade é superior à amizade em vista da utilidade.

Na amizade por benefício (e o mesmo vale para a amizade por prazer), os parceiros reconhecem-se mutuamente como seres que fixam objetivos. Eles dependem um do outro, e cada um deles só consegue alcançar seu objetivo quando o outro assume esse objetivo como seu. É nisso que consiste o elemento comum que liga os dois parceiros. (...) quando um dos parceiros assume como seus os objetivos do outro, acontece neles o momento altruísta do bem-querer. Mas ele é incompleto quando são os objetivos próprios que motivam o parceiro a tornar seus os objetivos do outro. (Ricken, 2008, p. 108-9).

Essas duas formas acidentais de amizade se dissolvem facilmente. A utilidade e o prazer por limitarem-se em si mesmos não conseguem fazer com que a amizade perdure. Apesar de haver certo grau de reciprocidade na relação, a partir do momento em que um dos parceiros não é útil ou agradável ao outro, finda-se o que mantinha a relação, sendo portanto, formas passageiras e incompletas de amizade.

A terceira forma de amizade é a que “existe entre homens de bem e os que são semelhantes a respeito da excelência” (*EN*, VIII, 3, 1156 b 5-7). Diferente das duas outras formas, essa amizade não tem o outro como meio, mas como fim em si mesmo. Trata-se de uma forma de amizade baseada no caráter e na virtude dos envolvidos. Por ser perfeita, ela engloba a amizade baseada no útil e a baseada no prazer. Um amigo que tem o outro como fim em si mesmo será útil e agradável a ele. O que os liga não é a agradabilidade ou a utilidade, é a excelência, assim, “uma tal amizade baseada na excelência é, com bom fundamento, duradoura, porque ela combina em si todas as qualidades que os amigos devem ter” (*EN*, VIII, 3, 1156 b 18-20).

Na amizade entre os bons há um bem querer puro, altruísta; deseja-se o bem ao outro exclusivamente por ele mesmo. O moralmente bom não é apenas bom para si mesmo, mas também para o amigo, e isso significa: ele é benéfico e agradável para ele. Os objetivos que motivam a amizade por benefício e prazer também são concretizados na amizade por caráter. Nesse sentido, assim como na amizade completa, ela inclui as outras duas formas de amizade citadas (Ricken, 2008, p. 109).

Enquanto as formas de amizades por utilidade e por prazer podem existir entre muitas pessoas, pois muitos buscam o que é útil e prazeroso, a amizade por excelência só existe entre poucas, pois são poucos os homens de bem. “Estes são amigos, de uma forma suprema. Na verdade querem para os seus amigos o em que querem para si próprios. E são desta maneira por gostarem dos amigos como eles são na sua essência” (*EN*, VIII, 3, 1156 b 10-14). O amigo é o próprio objeto do amor, tem valor em si mesmo e não em coisas externas. A moralidade é o princípio pelo qual se guia a amizade verdadeira. O amigo verdadeiro identifica-se com o outro, com suas dores, como suas alegrias; a felicidade do amigo torna-se sua própria felicidade, isso porque o valor é inerente à pessoa do amigo e não a causas exteriores.

Além de serem raras por existirem poucos homens de bem, a amizade perfeita é rara porque exige algumas características que não são possíveis nas outras duas formas de amizade. Primeiro, é preciso tempo e cumplicidade para que seja forjada uma verdadeira amizade. Segundo, é necessário convivência e experiência conjunta de dificuldades, não no sentido de estar junto, mas no sentido de “viver com”, um laço profundo que torna os amigos cada dia mais íntimos. Terceiro, deve haver confiança, pois “não se pode reconhecer alguém como

amigo antes de cada um ter se mostrado ao outro digno de amizade e merecedor de confiança” (EN, VIII, 3, 1156 b 28-30).

Os homens de bem não agem nunca injustamente e, de resto, nesta amizade estão presentes todas as outras características que se pensa serem indispensáveis a uma verdadeira relação de amizade, enquanto por outro lado, nas outras formas de amizade, nada impede que a calúnia, a falta de confiança e a injustiça se instalem. (EN, VIII, 4, 1157 a 23-28).

Com efeito, não é possível existir amizade perfeita com muitas pessoas ao mesmo tempo, pois é praticamente impossível conviver com todos, ter experiências conjuntas e adquirir a confiança de cada um. A amizade trata-se assim “de uma certa excelência, ou algo de estreitamente ligado à excelência” (EN, VIII, 1, 1155 a 3-4). Não é simplesmente um sentimento que pode ligar duas ou mais pessoas em torno de certo objetivo, mas uma virtude que requer benevolência, concórdia, reciprocidade e uma expressão consciente de bem-querer ao outro. “O amigo é um outro em si, fornece-lhe aquilo que ele é incapaz de arranjar apenas só por si” (EN, IX, 9, 1169 b 7-9).

Até aqueles que se dizem felizes ou autossuficientes precisam de amigos, pois todos os bens exteriores não podem substituir uma companhia excelente, útil e agradável. Os amigos tornam-se, assim, uma dádiva que contribui para a felicidade, sendo necessários nos bons e nos maus momentos da vida, pois em dias maus o amigo é capaz de apoiar e fazer o bem e em dias bons pode participar da felicidade.

A amizade é parte estruturante da felicidade entendida como “vida boa e boa conduta”. Os amigos apoiam nossa boa conduta como companheiros e como objetos da ação virtuosa; a vida compartilhada com o amigo contribui para a realização da excelência moral, na base da felicidade, pois a amizade cria uma arena para a expressão da virtude. A doutrina do amigo com um “segundo eu”, um “outro eu”, é o fundamento do vínculo existente entre *philia*, virtude e felicidade. (Ortega, 2002, p. 40).

Caracterizada a amizade perfeita, fica a pergunta até que ponto seria correto denominar de amizade, formas imperfeitas de relacionamento em que o outro é apenas um meio para alcançar um fim determinado. Se, no sentido autêntico do termo, a amizade perfeita é aquela que se dá entre pessoas excelentes, por que as outras duas formas são também chamadas de amizade? “Em função de sua semelhança com a primeira são chamadas de amizade”, diz Ricken (2008, p. 105), todavia o contrário também pode ser verdadeiro, pois se por semelhança podem

ser chamadas de amizade, por dissemelhança a denominação de amizade não é cabível. Assim, as formas acidentais não são verdadeiramente *phília* no sentido ético que este termo carrega, não são virtudes, pois não convidam ao convívio e não tem o outro como fim em si mesmo. De todo modo, a amizade, mesmo que não seja autêntica, é necessária não só entre os bons, mas também entre os maus, pois estes, apesar de não poderem participar de uma amizade virtuosa, podem ser amigos úteis ou agradáveis a outros da mesma estirpe.

### *Amizade e Justiça*

Na *Ética a Nicômaco* vemos Aristóteles fazer a seguinte afirmação: “entre amigos não é necessária a justiça” (*EN*, VIII, 1, 1155 a 26). A partir de tal afirmação, podemos nos questionar: Qual a relação existente entre amizade e justiça? Sob a égide de qual forma de amizade a justiça não é necessária? Busquemos compreender mais de perto essa declaração do estagirita.

Tendo em mente as formas de amizade estudadas por Aristóteles, podemos afirmar que ele se refere à amizade por caráter, pois esta implica um bem querer altruísta independente de motivos exteriores, ao passo que as formas acidentais baseiam-se em elementos limitados que põem o outro apenas como meio. Do mesmo modo, a justiça não pode se basear em motivos exteriores que sejam passageiros; como virtude ela deve ter o seu exercício como um fim em si mesmo, deve lidar com o outro tendo-o como fim e não apenas como meio. Em uma relação entre amigos excelentes a justiça é desnecessária, pois a amizade faz o seu papel sendo “uma excelência completa, não de uma forma absoluta, mas na relação com outrem” (*EN*, V, 1, 1129 b 27-28).

A justiça e a amizade possuem semelhanças: ambas estão presentes na vida em comunidade, “acontecem a respeito das mesmas situações e num mesmo tipo de relações pessoais” (*EN*, VIII, 9, 1159 b 25-28). “Assim como na amizade, a justiça trata-se do bem do outro. Ela não é simplesmente uma virtude negativa, no sentido que se prejudique o outro; ela também exige o positivo, a prática do que é benéfico ao outro” (Ricken, 2008, p. 173). A justiça traz em si dois aspectos que também podem ser vistos na amizade: pode ser caracterizada como virtude geral, em relação aos membros da comunidade em geral, e como virtude particular, em relação à alguém de forma individual.

Justiça e amizade estão intimamente relacionadas à vida na *pólis*, de tal modo que ao pensarmos o conceito de amizade ou de justiça em Aristóteles, essa reflexão nos leva automaticamente à questão do relacionamento e do convívio entre os homens, isso implica que os dois conceitos devem sempre ser pensados em conexão com a ideia de comunidade, pois é impossível haver amizade e justiça fora do convívio social. Trata-se, pois, de pensar a amizade como virtude política, uma verdadeira *philia* que implica a virtude da justiça tornando-se a base para manter a união da *pólis*.

Φιλία e δικαιοσύνη estão estreitamente ligadas, podendo-se mesmo dizer que a primeira é que se mostra como sendo o verdadeiro liame que mantém a coesão de todas as cidades-estado. Se comparadas, uma e outra, aquela há de ser colocada como o verdadeiro assento da paz nas relações entre as diversas cidades-estados, motivo pelo qual se deve dizer que a amizade concorre preventivamente para o bem do convívio social. A amizade é louvada pelos legisladores e sua semântica assemelha-se àquela da concórdia entre as cidades. De fato, é a Φιλία elemento de importância para a reciprocidade inerente ao convívio social, ao qual o homem está predisposto por natureza (Bittar, 2001, p. 143).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esteio de toda comunidade (κοινότητα) faz-se presente a amizade, é ela que dá sentido às relações entre os indivíduos que vai de pais e filhos, esposo e esposa a companheiros de batalhas etc., “o conceito e o sentido da amizade são determinados pela perspectiva da *Pólis*. É a partir do ideal de uma vida comunal perfeita numa *Pólis* autárquica que a amizade é concebida. Esse conceito ideal de vida comunal está expresso no conceito de amizade civil ou política” (Ortega, 2002, p. 43). A *philia* em sua dimensão política é um certo querer bem em relação aos outros que participam da vida da *Pólis*, ela une os cidadãos, independentemente de suas diferenças, em torno de um bem comum e proporciona harmonia entre eles, “a amizade é o maior dos bens para a cidade porquanto pode ser o melhor meio de evitar revoltas” (*Política*, I, 4, 1262 b 7-8), desse modo a unidade da *Pólis* está diretamente ligada à virtude da amizade. Além disso, as instituições que formam a *Pólis* são obras diretas da amizade.

O que constitui uma cidade é uma comunidade de lares e de famílias com a finalidade da vida boa e a garantia de uma existência perfeita e autônoma. Isto não se realizaria sem que os membros da cidade residam num mesmo lugar e se casem entre si. Daqui surgiram nas cidades as relações de parentesco, as frátrias, sacrifícios públicos, e os lazeres. *Estas instituições são obras da*

*amizade – já a amizade é condição de escolha de uma vida em comum (Política, III, 9, 1280b 33-39, grifos meus).*

A essa *philia* que promove a coesão das comunidades que formam a *Pólis*, Aristóteles chamará de concórdia; “um certo laço de amizade que une os cidadãos em torno de um determinado objetivo, a saber, dos seus interesses comuns e das coisas concernentes à vida de todos os dias” (*EN*, IX, 6, 1167 b 3-5). A concórdia é mais almejada, pelos legisladores, que a própria justiça, “é a amizade, e não a justiça (como afirmava Platão na *República*, o grande diálogo sobre a justiça), que parece ser o vínculo nas comunidades (...) a amizade está acima da justiça, porque a justiça deixa de ser necessária entre amigos” (ARENDDT, 2002. p. 99). A *philia* firma, então, um vínculo social que possibilita o desenvolvimento intelectual e moral do homem fazendo-o alcançar a felicidade e o bem comum. A *Pólis* fundada na amizade, no sentimento recíproco, na solidariedade torna possível a realização individual e social do homem.

Depois de toda essa reflexão, podemos perfeitamente olhar em volta e repensar as relações que estamos construindo com outros indivíduos na comunidade em que vivemos. A partir desse exame de nós mesmos, da reflexão sobre a amizade como virtude, podemos buscar desenvolver a verdadeira *philia*, a virtude excelente que eleva o humano e contribui para o seu desenvolvimento moral e intelectual. Com isso veremos, certamente, a construção e constituição de uma comunidade boa e feliz que torna possível o que foi dito no parágrafo anterior: realização individual e social do homem.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *A dignidade da política*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.
- ARISTÓTELES. *A ética a Nicômaco*. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2002.
- ARISTÓTELES. *A política*. Trad. António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Ed. bilíngue grego – português. Lisboa: Vega, 1998.
- BÍBLIA. A.T. *Provérbios*. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada contendo o antigo e o novo testamento. NVI. Disponível em < <https://www.bibliaonline.com.br>>, acesso em 3 maio de 2016.
- BITTAR, Eduardo C.B. *A justiça em Aristóteles*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

LARA, Renata de Oliveira. *A Amizade na ética a Nicômaco*, 2009, 92p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) UECE. Fortaleza. 2009.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.

PICHLER, Nadir Antonio. *As três formas de amizade na ética de Aristóteles*. *Ágora filosófica*, ano 4, n 2, Jul/Dez. 2004, p. 193 – 207.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga, v.1*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

RICKEN, Friedo. *O bem viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles*. Trad. Inês Antônia Lohbauer. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROCHA, Zeferino. *O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles*. *Psychê*, Ano X, nº 17, São Paulo, jan-jun/2006, p. 65-86.

WOLF, Ursula. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Trad. Enio Paulo Giachini. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Recebido em 20 de outubro de 2016.

Aprovado em 04 de novembro de 2016.